

O pensamento de Heidegger sobre a “Questão de Deus” – uma confrontação crítica e refutação a partir de Lorenz Puntel*

**Heidegger’s thought on the “question of God” – a critical
confrontation and refutation from Lorenz Puntel**

Wesley Heleno de Oliveira **

Resumo

O pensamento de Heidegger sobre a questão filosófica de Deus é onipresente em seus escritos. Tem atraído a atenção de muitos pensadores, em particular os de orientação cristã e judaica. Todavia, constitui verdadeiro desafio aos comentadores precisar o que o filósofo disse de relevante sobre o tema Deus. Lorenz Puntel realizou um estudo sistemático e crítico dos textos heideggerianos no que tange à sua interpretação da metafísica tradicional e da questão de Deus. A crítica de Puntel à questão de Deus em Heidegger é o objeto deste artigo. Nele mostraremos como o pensamento de Heidegger é filosoficamente falho e confuso. Puntel analisou ponto a ponto as argumentações de Heidegger sobre Deus e demonstrou suas contradições e as inconsistências de seu pensar. Segundo Puntel, o tema Deus ou deuses na filosofia heideggeriana é um discurso semimitológico de

* Artigo recebido em 31/07/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Mestrando em Filosofia no Departamento de Pós-graduação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte.

caráter escatológico-profético e refutado como inapropriado ao debate filosófico competente.

Palavras-chave: Deus; Heidegger; Puntel; crítica.

Abstract

Heidegger's thinking about the philosophical question of God is omnipresent in his writings. It has attracted the attention of many thinkers, particularly those of Christian and Jewish orientation, yet it is a real challenge for commentators to clarify what the philosopher said as relevant to the theme of God. Lorenz Puntel undertook a systematic and critical study of Heideggerian texts concerning his interpretation of traditional metaphysics and the question of God. Puntel's critique of the question of God in Heidegger is the object of this article, and we show how Heidegger's thinking is philosophically flawed and confused. Puntel analyzed point by point Heidegger's arguments about God and demonstrated his contradictions and inconsistencies in his thinking. According to Puntel the theme God or Gods in Heideggerian philosophy is a semi-mythological discourse of eschatological-prophetic character and refuted as inappropriate to the competent philosophical debate.

Keywords: God; Heidegger; Puntel; criticism.

Introdução

O pensamento de Heidegger sobre o tema “Deus” é constituído de enunciados dispersos que não se impõem pela unidade nem clareza a quem examina seus escritos filosóficos. É, não obstante essa dispersão, um tema relevante no conjunto do pensamento heideggeriano e que tem atraído a atenção de muitos pensadores, particularmente os de orientação confessional cristã e judaica. Tencionamos acompanhar a leitura crítica e mesmo refutadora de Lorenz Puntel no que tange à questão de Deus em Heidegger, avaliada como filosoficamente falha e mesmo confusa, ou, se muito, um discurso semimitológico de caráter escatológico-profético, inapropriado, porém, ao debate filosófico competente (PUNTEL, 2011, p. 118).

A questão de Deus em Heidegger foi submetida às lentes críticas de Puntel, e nos pautamos por suas reflexões para elaborar este artigo. Ele se

justifica, assim o consideramos, porque na atualidade das discussões filosóficas a respeito de Deus ou do transcendente radical das religiões, a filosofia heideggeriana é reiteradamente citada e interpretada. Isto fica evidente quando se pensa e se coloca em debate as relações entre Ser e Deus e entre filosofia e teologia, bem como as hermenêuticas que buscam lançar luzes de compreensão sobre tais problemas (Cf. PUNTEL, 2011, p. 79).

A abordagem filosófica de Puntel não dá margem a mal-entendidos visto ser característico desse filósofo brasileiro, ainda vivo e radicado na Alemanha, a consistência lógica e a contundência argumentativa ao rebater as proposições de outros filósofos, no presente caso, as de Heidegger. Puntel procura mostrar, ponto a ponto, as inconsistências das sentenças declarativas de Heidegger, que podem ser classificadas como sentenças teóricas por sua estrutura gramatical. Considerando que Puntel compreende a filosofia e sua tarefa como atividade, a rigor, teórica, é compreensivo, portanto, que faça um juízo crítico acerca do trato e estilo heideggerianos de abordar a questão ou tema de Deus como sendo débil ou, mais simplesmente, um fracasso do labor genuinamente filosófico da parte de Heidegger. De mais a mais, Puntel considera que a apreciação do cristianismo e das relações entre filosofia e teologia por parte de Heidegger, é, quando muito, "virtuosismo poético-literário" que causa fascínio em muitos e os ilude com a falsa impressão de profundidade (PUNTEL, 2011, p. 118-119).

1. O procedimento filosófico-crítico de Puntel

Para evidenciar, ou, ao menos mostrar, a problemática da questão Deus no pensamento heideggeriano, Puntel estruturou sua crítica em três formas. Na *primeira forma* foi tratado como a "interpretação (equivocada)" que Heidegger fez da metafísica segundo a filosofia cristã e a crítica que opera dela foi pelo filósofo alemão denominada de onto-teo-logia. Na *segunda forma* estudou os enunciados heideggerianos sobre a relação da filosofia com a teologia cristã. E na última e *terceira forma*, a mais importante, Puntel analisou diretamente a relação entre Ser/*acontecimento apropriador* e Deus (PUNTEL, 2011, p. 118).

Não tratamos da primeira abordagem de Puntel quanto à crítica heideggeriana da metafísica tradicional; privilegamos a segunda e terceira formas. Na segunda forma de abordagem, quanto às sentenças de Heidegger acerca da relação entre filosofia e teologia bíblico-cristã, Puntel constatou haver poucos textos do filósofo que abordassem de modo sistemático esse tema; trata-se de alguns textos de conferências e mesmo cartas. Na conferência *Fenomenologia e teologia* (1927), Heidegger definiu a teologia como "um saber conceitual daquilo que permite [...] que o cristianismo se torne um evento originariamente histórico [...] daquilo que

nós chamamos [...] cristicidade [*Christlichkeit*] (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 118). Por cristicidade, Heidegger compreende aquilo que fornece positividade à teologia, o *positum*, que lhe confere então o caráter de ciência positiva. Em última instância a referida cristicidade é a fé, assim entendida por ele:

A fé é um modo de existência do Ser-aí humano que, segundo seu próprio testemunho – pertencente essencialmente a esse modo de existência –, não é temporalizado a partir do Ser-aí e por seu intermédio com base em sua própria decisão, mas a partir daquilo que se revela nesse e com esse modo de existência, a partir daquilo que é crido (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 119).

O objeto da fé aqui referida é o Cristo, deus crucificado. A fé é para Heidegger a forma de existência que seria “o inimigo mortal” da forma de existência da filosofia que é “temporalizada a partir do Ser-aí” e muda faticamente. Segundo Puntel, a consequência lógica dessa inimidade mortal deveria conduzir à contestação mútua entre teologia e filosofia, mas não! Não, porque Heidegger apazigua esta iminente querela afirmando:

Esta *contraposição existencial* entre a credulidade e a livre autoacepção do todo do Ser-aí, que já se encontra *antes* da teologia e que não surge primeiramente por meio delas enquanto ciências, é justamente a *contraposição* que deve oferecer suporte a uma *possível comunidade* entre teologia e filosofia *enquanto ciências*. (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 119).

Para Puntel, a concepção heideggeriana de filosofia e de teologia conduz a uma separação radical entre as duas; e uma filosofia cristã seria o mesmo que um “ferro de madeira”. É necessário diferenciar a contraposição existencial (separação) da filosofia (*forma de existência*: livre autoacepção do todo Ser-aí) da teologia (*forma de existência*: credulidade). À primeira vista parece tudo claro e simples. Porém, não aos olhos de Puntel, por entender que Heidegger opera uma “idealização completa” da livre autoacepção do todo do Ser-aí. E poder-se-ia perguntar: o ser humano que assumisse livremente essa forma de existência é igual a um filósofo? Isto só seria uma decisão livre se toda *determinidade* do Ser-aí estivesse disposta ao lado de todos os aspectos do Ser-aí. Restaria responder se tal determinidade é filosófica ou se seria a própria filosofia? Mas não é possível porque a determinidade integral do Ser-aí pode estar configurada nos mais diferentes modos, inclusive em credulidades religiosas ou não religiosas (Cf. PUNTEL, 2011, p. 119).

Heidegger, segundo Puntel, pensou a fé ou a existência crente como “determinada a partir de fora e não por livre decisão”. Aqui, neste ponto, talvez ele tenha em mente a doutrina cristã da graça, de interpretação

luterana. No entanto, se assim for ele cometeu um erro crasso, aos olhos de Puntel, por caricaturar essa doutrina cristã, mesmo na versão protestante; a graça e a fé não eliminariam a recepção do que foi dado e crido por livre decisão, antes graça e fé é têm sentido porque seu livre recebimento é pressuposto. Causa espécie a Puntel perceber que Heidegger – que estudou algo de teologia – não discerne os modos de ser filosófico e teológico em termos mais bem instruídos (Cf. PUNTEL, 2011, p. 120).

O filósofo alemão somente dá autonomia e autoacepção ao modo de ser da filosofia porque “é temporalizado *a partir do Ser-aí* e, *por intermédio* dele, com base na sua própria decisão”. Enquanto que o modo de ser do crente cristão é temporalizado “a partir daquilo que se revela nesse e com esse modo de existência, a partir daquilo que é crido”. Em suma, não haveria verdadeira liberdade, isto é, autenticidade e autonomia no modo de operar da teologia. Neste ponto, Puntel elaborou três perguntas críticas: como fica o modo de existência filosófico temporalizado *a partir do Ser-aí* e por *intermédio* dele na base da própria decisão, ou seja, do modo de existência como “autoacepção”? Isso mais ainda considerando que nos últimos pensamentos de Heidegger, o Ser e o tempo são interpretados como *acontecidos-apropriados* ou *destinados*. O modo de existência *não é mais* temporalizado a partir do Ser-aí e não passa mais por seu intermédio. Sua concepção defendida na conferência de 1927, não é mais sustentada. Heidegger mudará seu modo de compreender (Cf. PUNTEL, 2011, p. 120).

Depois caberia perguntar, sempre segundo Puntel, por que o Heidegger da virada¹ – que passou a compreender o Ser como *Ser-como-o-acontecimento-apropriador* que determina ou destina o Ser-aí em seus modos de existência – não passou a uma outra concepção diferente, mais adequada, do objeto dos modos de existência da filosofia e da teologia? Não só não o fez, como isso parece ser traço típico do pensamento heideggeriano, isto é, certa inconsistência argumentativa. Segundo Puntel, Heidegger “fala da dimensão original [Ser] apenas como Ser-como-o-acontecimento-apropriativo e o interpreta como o destinador. Assim, conforme Puntel, talvez fosse o caso de se perguntar se o “modo de ser filosófico do Ser-aí” e o “modo de existência teológico do Ser-aí” não poderiam ser apropriadamente entendidos dessa maneira: o filósofo “encara” a “dimensão original” de maneira muito geral, indeterminada, como dimensão à espera de “autodeterminação” e alguma articulação; ao passo que o teólogo adota como ponto de partida a “forma” plenamente determinada da dimensão original? Se assim fossem colocados os termos, de maneira mais lógica, conforme Puntel a filosofia e a teologia não seriam necessariamente disciplinas opostas, mas complementares na diferença: a filosofia teria a “dimensão original articulada apenas de modo geral, abstrato, em grande medida vazio” e a teologia teria a “dimensão original

¹ Conhecida como *Kehre*, virada ou reviravolta, consolidada a partir de 1935, trata-se de uma “inversão na rota seguida em *Ser e Tempo*” que procurou determinar o sentido de ser mediante análise ontológica do ente que compreende o Ser, ou seja, do Aí-ser, do ser humano; para reconhecer agora a prioridade do Ser sobre o pensar. O sentido da verdade do Ser é agora história, que destina essencializa o Ser-aí no mundo (Cf. CORETH, 2009, p. 359).

plenamente explicitada, plenamente determinada, plenamente apurada". Contudo, o fato de Heidegger não ter vislumbrado nem experimentado essa "forma de pensar" deve ser tido como um "grande enigma" na atitude filosófica heideggeriana (Cf. PUNTEL, 2011, p. 121).

Puntel ressaltou que para Heidegger – bem como para muitos outros filósofos e teólogos – a atividade filosófica, ou teológica, é enfrentada como uma espécie de "decisão fundamental" da pessoa do filósofo; seria uma forma de viver que determina a vida inteira desse filósofo ou teólogo. Como se sabe, Puntel reafirma conceber e praticar a filosofia enquanto atividade puramente teórica². A terceira pergunta é se o fato de Heidegger considerar a filosofia na perspectiva existencial³ faz justiça ao "estatuto especificamente teórico [Heidegger dizia *científico*] da filosofia e teologia?" A resposta para Puntel é negativa (Cf. PUNTEL, 2011, p. 121).

Para Puntel a atividade teórica é uma grande realização das potencialidades do ser humano. E o que caracteriza essa atividade é gerar sentenças teóricas, isto é, sentenças que apresentem a estrutura: "é o caso que assim e assim..." ou "é o caso que (por exemplo Φ [sendo Φ uma variável para uma sentença declarativa])". O erro de Heidegger, e no dizer de Puntel de tantos outros filósofos e teólogos, está em não se observar de "modo rigoroso e consequente o caráter específico da atividade teórica" (Cf. PUNTEL, 2011, p. 122).

Na conferência de Heidegger de 1927, o discurso teológico é compreendido como atividade ôntica. E isto num momento, o do primeiro Heidegger, quando a distinção ontológico-ôntico era-lhe muito importante. A filosofia poderia servir de "corretivo ontológico" aos conceitos teológicos fundamentais (isto é, a teologia), embora esta possa se passar sem tal corretivo. Contudo, não está claro o que é essa filosofia. Se para Puntel a filosofia é uma ciência absolutamente universal e unitária e abrange a dimensão teológica, por sua vez, para Heidegger, ora a filosofia é essa universalidade radical que tudo abarca inclusive a teologia e teria a palavra final, ora a filosofia é como uma dimensão que reconhece a teologia como lugar próprio e não teria pretensão de a encampar (Cf. PUNTEL, 2011, p. 124).

2. Em torno da linguagem teórico-filosófica

Contudo, Puntel constatou que as concepções de Heidegger flutuam em mutações em sucessivos períodos e escritos. Em uma carta ao teólogo protestante Rudolf Bultmann, o filósofo da Floresta Negra assim confessa:

² Puntel expõe sua concepção de filosofia e método de filosofar no Capítulo 3 de sua obra *Ser e Deus* (2011).

³ Donde derivam-se assertivas tais como: "O pensamento, obediente à voz do Ser, procura encontrar para ele a palavra por meio da qual a verdade do Ser chega à linguagem". *O que é metafísica? Posfácio*. Heidegger. Puntel com acerto nota nessa passagem heideggeriana uma espécie de ressonância da linguagem e estilo bíblicos.

Quanto mais eu reflito sobre esses assuntos – e não é raro que isso aconteça –, mais me parece que toda a discussão filosófica *em sua forma expressa* deveria desaparecer dentro da teologia e toda a força do pensamento deveria ser canalizada para a investigação histórica do NT [Novo Testamento, LBP], tomando-se “histórica” num sentido essencial (HEIDEGGER à BULTMANN *apud* PUNTEL, 2011, p. 124).

Puntel informa haver muitas outras declarações feitas por Heidegger ao longo dos anos, com modificações. Uma delas derivada de uma conferência, um diálogo teológico, na Universidade de Drew (EUA), em 1964, registrada em carta de 11 de março de 1964, revela o seguinte tom: “Algumas indicações sobre alguns pontos de vista principais para o diálogo teológico a respeito de ‘O problema de um pensar e dizer não objetivantes na teologia de hoje’”. O tema central é o pensar objetivante que se encontra nos discursos técnicos e no das ciências da natureza. Para Puntel as elucidações de Heidegger encontradas aí são “completamente vazias”, não trazem nada de instrutivo e esclarecedor. Ademais, do ponto de vista técnico Puntel afirma que Heidegger não atentou no fato de que uma teoria científica é formada por “sentenças com a forma ‘é o caso que (por exemplo ϕ)’”. Aqui não há espaço para um “representar”, segundo Puntel. Ainda assim em uma tese afirmativa, Heidegger diz haver “um pensar e um dizer que, de modo algum, produzem objetivação” (HEIDEGGER, 2008, p. 83).

Heidegger baseia-se em uma concepção de linguagem em que esta é definida como fala. E o ser humano fala somente quando corresponde a essa linguagem. Ele explicita seu pensamento de uma maneira que atrai a atenção pela forma:

O dizer da linguagem não é necessariamente uma enunciação de sentenças sobre objetos. No que lhe é mais próprio, a linguagem é um dizer *a partir do* que se revela ao homem e o interpela de múltiplas maneiras (HEIDEGGER, 2008, p. 86).

Ainda segundo Heidegger, restaria dizer o que a teologia pode ou não dizer. Se se trata ou não de uma ciência com uma tarefa positiva. Assim, ainda na conferência *Fenomenologia e teologia*, o filósofo diz que a tarefa da teologia consiste:

no âmbito de sua própria fé cristã, discutir a partir da própria essência desta o que ela [a teologia] deve pensar e como deve dizê-lo. Nessa tarefa, está igualmente incluída a questão se a teologia ainda pode ser uma ciência, porque ela supostamente de modo algum pode ser uma ciência. (HEIDEGGER, 2008, p. 87).

Neste texto Heidegger concedeu plena autonomia à teologia para colocar seu objeto e articular suas proposições. Puntel interroga-se se caberia à filosofia, aqui nesse momento, prestar ou não corretivo à teologia. Seria uma autonomia ou uma separação total? Uma resposta advém das explanações que se seguem em outros escritos de Heidegger.

Nesta terceira forma elaborada por Puntel para esclarecer a questão de Deus em Heidegger, mergulhamos nos últimos desenvolvimentos do pensamento do filósofo alemão: a relação entre Ser/acontecimento apropriador e Deus.

É esta a mais relevante e ampla tematização de Deus/deuses feita por Heidegger pois ele a toma como questão enquanto tal. A relação Ser como acontecimento apropriador e Deus/deuses é como o centro de seu pensamento depois da virada. Puntel ponderou, não obstante, que no momento presente não é possível fazer uma análise de todas as declarações de Heidegger visto que, a propósito, nem todos seus escritos póstumos foram ainda publicados.

3. Ser e Deus – o centro da problemática 'onto-teo-lógica'

As diversas declarações feitas acerca do Ser/acontecimento apropriador e Deus não podem ser reduzidas a uma base comum. O feitio e estilo de Heidegger é o de um filósofo a caminho como ele mesmo reconheceu. Na *Carta sobre o humanismo* expõe a relação estreita entre Ser e Deus:

que o pensar que pensa a partir da questão da verdade do Ser pergunta de modo mais originário do que pode questionar a metafísica. É só a partir da verdade do Ser que se pode pensar a essência do sagrado. E é só a partir da essência do sagrado que se pode pensar a deidade. É só à luz da essência da deidade que se pode pensar e dizer o que deve nomear a palavra "Deus". (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011. p. 126).

Puntel sublinha que é mais ou menos plausível no âmbito da história das religiões que Ser – o sagrado – deidade – Deus seja um caminho até alcançar ao último termo, Deus; porém, do "ponto de vista filosófico isto não é autoevidente. Puntel reconhece que Heidegger até se esforça para "descrever o arco" argumentativo em torno a sua interpretação da metafísica (que para Puntel é uma má interpretação), o que talvez ajude a entender porque então Heidegger introduziu o estágio intermédio do "sagrado". Bem mais poderia ser esclarecido filosoficamente se Heidegger articulasse seus argumentos com os "conceitos das modalidades: *necessidade – possibilidade – contingência*". Infelizmente, segundo Puntel, Heidegger rejeitou de chofre tais conceitos como metafísicos. O modo como

Heidegger formulou suas declarações não permite clareza se se trata de um pensamento teológico ou implicitamente teológico; porém, ele considera um “pensamento a caminho do Ser para Deus” (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 126).

Na obra *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*, temos, segundo Puntel, a “mais obscura e idiossincrática” formulação de Heidegger, que em certo sentido está em oposição ao que expusemos logo acima. Para fazer justiça às análises de Puntel, citamos na íntegra as citações do texto de Heidegger às quais são imputadas tal “confusão”:

A indecisão sobre qual Deus e sobre se algum Deus surgirá de novo e de que modo ele surgirá frente à necessidade extrema em favor de qual essência do homem recebe o nome de ‘os deuses’. Na medida em que, de antemão, é des-dito [*ab-gesagt*] o Ser [*Seyn*] ‘aos deuses’ em tal pré-pensar, diz-se que todos os enunciados sobre “Ser” e “essência” dos deuses não só nada dizem sobre eles – e isso quer dizer que nada dizem sobre aquele a-ser-decidido –, mas ainda simulam algo objetal, que causa frustração a todo o pensamento, porque ele de imediato é impelido a seguir caminhos errados (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 126, com nossa modificação).

Puntel reafirma que Heidegger não se questiona sobre como ele fala sobre os deuses e o que ele diz acerca deles. Ao invés de trazer clareza linguística às suas formulações, segue Heidegger dizendo:

“os deuses” *necessitam* do Ser [*Seyn*], e com este dito é pensada a essência “do” ser [*Seyn*]. “Os deuses” não *necessitam* do Ser [*Seyn*] como sua *propriedade*, na qual eles próprios encontram uma base de apoio. “Os deuses” *precisam* do Ser [*Seyn*] para, por meio dele, que não lhes pertence, pertencerem, todavia, a si mesmos. O Ser [*Seyn*] é o *precisado* pelos deuses; ele é sua *necessidade* e o caráter de indigência do Ser [*Seyn*] designa sua *essenciação*, aquilo que é *necessitado* “pelos deuses”, mas que jamais é causável ou condicionável. O fato de “os deuses” precisarem do Ser [*Seyn*] desloca a eles próprios para dentro do abismo/sem-fundo [*Abgrund*] (a liberdade) e pronuncia o deslizamento de todo e qualquer fundamental e provar. (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 126, os itálicos são de Puntel).

Puntel é categórico ao dizer que dificilmente poder-se-ia compreender essas formulações heideggerianas a não ser “como fantasias linguísticas semimitológicas”. Puntel é duro ao criticar o filósofo alemão como incapaz de enxergar “a incoerência manifesta de suas declarações”, justificando que, em Heidegger, nada é precisado ao empregar termos como *necessitar*, *precisar*, *propriedade* aos deuses. O pensamento heideggeriano neste sentido “causa frustração ao pensamento [filosófico]”

– para utilizarmos a própria expressão heideggeriana – justamente por não trazer o rigor filosófico nas declarações. Puntel reitera que as sentenças de Heidegger poderiam melhor ser enquadradas na literatura mito-poética (Cf. PUNTEL, 2011, p. 127).

Contudo, como Heidegger na citação acima explicitamente nega o Ser aos deuses ou Deus, cabe perguntar segundo Puntel qual é, exatamente, a “posição” do Ser em relação ao divino ou a Deus. Em um seminário em Zurique, em 1951, Heidegger afirmou com mais força a separação entre Ser e Deus e faz uma correção de enunciados:

Deus e Ser não são idênticos e eu jamais tentaria pensar a essência de Deus através do Ser. Alguns talvez saibam que provenho da teologia e ainda lhe conservo um antigo amor e entendo alguma coisa dela. Se eu ainda fosse escrever uma teologia, para o que às vezes me sinto impelido, nela não poderia ocorrer a palavra “Ser”. A fé não tem necessidade do pensamento do Ser. Se ela precisasse dele, já não seria mais fé. Lutero entendeu isso muito bem, mas até na sua própria igreja isso parece estar sendo esquecido. Eu penso muito modestamente sobre o Ser no que concerne à sua apropriação para pensar teologicamente a essência de Deus. Com o Ser nada se consegue nesse tocante (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 127).

Puntel observa que no texto acima, Heidegger opera uma dissociação mais radical entre Ser e Deus. E a antiga compreensão do papel da filosofia como eventual corretivo ontológico da teologia ou dos conceitos teológicos fundamentais, defendida por Heidegger em 1927, parece ter sido abandonada. Entretanto, não obstante tal declaração, Heidegger, na continuidade do mesmo texto, faz uma ressalva que nos surpreende, sobretudo a Puntel. Lê-se:

Creio que o Ser jamais poderá ser pensado como fundamento e essência de Deus, mas que, *não obstante*, a experiência de Deus e de seu caráter revelado (na medida em que encontra o homem) *acontece na dimensão do Ser*, o que jamais significa que o Ser possa valer como possível predicado de Deus. Nesse ponto, precisa-se de diferenciações e delimitações totalmente novas (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 128, o itálico é de Puntel).

Puntel chama nossa atenção para dois pontos importantes neste texto de Heidegger: primeiro, o filósofo “representa” uma “relação positiva” entre Ser e Deus” para depois rechaçá-la rigorosamente ao afirmar que o Ser não é o fundamento e essência de Deus, nem mesmo um predicado desse mesmo Deus. Puntel considera surpreendente a formulação de Heidegger, e pondera que se forem considerados os enunciados de Tomás de Aquino a respeito de Deus como *esse per subsistens* [ser por si subsistente] não se poderia dizer que este *esse* seja um predicado ou

atributo de Deus. Segundo Puntel, de todo modo Deus já seria algo, um “X já pressuposto” ao qual “ainda se atribuiria o predicado *esse*”. Contudo, ainda conforme Puntel, Deus é refletido por Tomás de Aquino como *ipsum esse per subsistens* [o próprio ser subsistente] “totalmente determinado e em plenitude. Não cabe aqui, portanto, a crítica de que o *esse* é um predicado de Deus. É, portanto, um contrassenso de Heidegger atribuir *esse* como atributo de Deus. Na metafísica do Ser de Tomás de Aquino, o *esse* em “nenhum sentido imaginável é ‘fundamento’ de Deus”. Nem Tomás nem outro metafísico do Ser afirmou tal tese. Puntel não poupa Heidegger ao declarar que sua caracterização estereotipada decorre de sua “falta de conhecimento” que gerou deformações e mal-entendidos, não obstante queira trazer à baila uma nova via de pensamento (PUNTEL, 2011, p. 128).

Em um segundo momento, Puntel sublinha que Heidegger faz uma correção extremamente importante quando acrescenta a locução conjuntiva *não obstante*, para, em seguida, atribuir uma dimensão do Ser à dimensão de Deus, a fim de tornar possível alcançar o ser humano com a revelação e este fazer alguma experiência de Deus. O problema é justamente que Heidegger não diz como devemos compreender essa participação do Ser em Deus.

Puntel faz outra citação textual muito relevante da ontologia de Heidegger, na qual o Ser é agora caracterizado como “Entre” em relação a Deus/deuses e o Ser-aí; está na Parte I de sua obra *Contribuições à filosofia*, e que reproduzimos aqui para dar acesso direto ao leitor:

O despertar dessa indignação [*Not*] [refere-se à dimensão surgida do abandono do Ser] é a primeira deslocação [refere-se à mudança de posição] do homem para dentro daquele *Entre*, onde a confusão pressiona na mesma medida em que o Deus continua em fuga. Esse “Entre”, no entanto, não é nenhuma “transcendência” em relação ao homem, mas, pelo contrário, é aquele âmbito aberto, ao qual pertence o homem como fundador e preservador, ao Ser acontecido-apropriado como Ser-aí pelo próprio Ser [*Seyn*], que se essência tão somente como acontecimento apropriativo. Se, por meio dessa deslocação, o homem passa a estar dentro do acontecimento apropriativo e se ele permanecer firme na verdade do Ser [*Seyn*], então ele tão somente se encontra prestes a dar o salto para a experiência decisiva, quer o não comparecimento ou a acometida de Deus se decida por ele ou contra ele no acontecimento apropriativo. Somente quando aquilatarmos o quanto o Ser é unicamente necessário e como ele, todavia, não se essência como o próprio Deus, somente quando nós tivermos afinado nossa essência com esses abismos que há entre o homem e o Ser [*Seyn*] e entre o Ser [*Seyn*] e os deuses, somente então começam a se tornar reais outra vez “pressupostos” para uma “história”. É por isso que, em termos de pensamento, o que vale é a meditação sobre o “acontecimento apropriativo”. Por fim e principalmente, o “acontecimento apropriativo” só poderá ser efetivamente pensado (forçado a comparecer diante do pensamento inicial), quando o próprio Ser [*Seyn*] tiver sido apreendido como o “Entre” para a passagem do último Deus e do Ser-aí. – O acontecimento

apropriativo transfere Deus ao homem como propriedade, ao destinar o homem a Deus como próprio. Essa destinação transferidora do próprio/de propriedade é acontecimento apropriativo, no qual a *verdade* do Ser [*Seyn*] é fundada como Ser-aí (o homem é transformado, deslocado para a decisão do Ser-aí e do Ser-saído) e a história toma o seu outro início a partir do Ser [*Seyn*] (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 129).

Conforme pudemos acompanhar nessa extensa citação das *Contribuições* de Heidegger, o Ser agora compreendido como acontecimento apropriativo é o grande “Entre”, grande dimensão intermediária “entre” Deus e o Ser-aí. Puntel identifica aqui uma contradição no pensamento heideggeriano: ao mesmo tempo em que nega radicalmente a relação entre a dimensão do Ser e a dimensão divina, ele afirma uma relação “massiva” entre as duas dimensões. Não fica claro como se desempenha o acontecimento apropriativo, e quando o filósofo fala em “transferir como propriedade”, “destinar como próprio” e destinação transferidora do próprio/de propriedade”. Para Puntel, se acaso não se trate de puro “jogo de palavras” vazio e insólito, não passaria também de uma descrição de “escambo banal entre dois entes”. Heidegger, célebre por criticar a metafísica como onto-teo-logia articulou a relação entre Ser/acontecimento apropriativo e Ser-aí como *entes* (Cf. PUNTEL, 2011, p. 130).

Essa via dupla na relação entre a dimensão do Ser e a dimensão de (do) Deus/dos deuses e, ao mesmo tempo, a assertiva da separação ou dissociação radical das duas revelam, para Puntel, que as especulações de Heidegger têm “caráter semimitológico e até banal” tanto quanto “deixam a desejar em termos de coerência”. Ainda segundo Puntel as declarações de Heidegger comportam um *dilema* que exige uma resposta ou pelo menos uma explicitação, a saber, “ou” se sustenta⁴ que a teologia cristã tenha a tarefa positiva de, dentro de sua competência, pensar, discutir e dizer conforme seus próprios pressupostos, [aqui trata-se da dissociação total entre Ser e Deus porque, nas palavras de Heidegger: “o pensamento orientado na história do Ser [*Seyn*] está postado *fora de toda e qualquer teologia* [...] (Heidegger *apud* PUNTEL, 2011, p. 130)], “ou” se mantém, reitera Puntel, que a dimensão de (do) Deus, deidade, do divino, dos deuses, “necessita do Ser [*Seyn*], precisa/vale-se do Ser [*Seyn*]”. Para Puntel, ao que ele pode interpretar da confusa enunciação de Heidegger, o Ser [*Seyn*] que denota o caráter de indigência [*Notschaft*] de Deus, precisa também alcançar sua verdade que só se dá no pensar efetivo [*Er-denken*], tal pensar é a filosofia; desse modo “os deuses” necessitam do pensamento orientado na história do Ser [*Seyn*], ou seja, da filosofia. Se fosse para ser coerente Heidegger deveria, assim o entende Puntel, dizer que o “pensamento orientado na história do Ser [*Seyn*] *não* está postado *fora de toda e qualquer teologia*, e o pensamento teológico *não* está postado fora

⁴ Como na carta já referida de 1964.

do pensamento orientado na história do Ser [*Seyn*]” (Cf. PUNTEL, 2011, p. 130-131).

O característico do pensamento de Heidegger é que, em todo caso, Ser e (o) Deus *se diferenciam*, eles são dois “diferentes”. A crítica heideggeriana à metafísica estava fundada na diferenciação ontológica entre Ser e entes. Agora Heidegger também passa a diferenciar como “dois diferentes” Ser e Deus. Segundo Puntel a diferença é pensada como dimensão mais original, que é ao mesmo tempo espaço de “decisão”, ou seja, é “decidido” o Ser e o ente. Mas como ele pensou a diferença entre Ser e Deus? Esta é uma “aporia central” presente em todas as tentativas de pensamento heideggeriano e nas discussões com seu pensamento (cf. PUNTEL, 2011, p. 132).

Segundo Puntel haveria “*duas interpretações alternativas totalmente distintas*” no pensamento de Heidegger. É ou seria, contudo, impossível dizer para qual das duas o filósofo teria pendido ou qual delas teria favorecido. Puntel acredita que nem o próprio Heidegger tivesse clareza do “estatuto último de seus enunciados”. De todo modo Puntel expõe, ao seu modo, as duas interpretações e indica um ponto em comum entre elas. A primeira interpretação alternativa é extraída de *Contribuições*:

A partir dos deuses se determina o pensamento conforme a história do Ser como aquele pensamento do Ser [*Seyn*] que é o primeiro a compreender o abismo/sem-fundo do caráter de indigência do Ser [*Seyn*] e nunca procura a essência do Ser [*Seyn*] no próprio divino como o ente supostamente supremo. O pensamento conforme a história do Ser [*Seyn*] situa-se fora de toda teologia. (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 133).

A diferença articulada entre (o) Deus ou os deuses e o Ser levou Heidegger a dar uma virada em seu pensamento, ele se coloca na perspectiva (do) de Deus/deuses e imagina pensar em nome de Deus mesmo ou dos deuses mesmos. Heidegger teria equiparado o pensamento filosófico, neste caso o seu “[o próprio] pensamento filosófico com (o) próprio Deus/deuses mesmos” e assim passando a equiparar o seu pensamento segundo a meta-história do Ser [*Seyn*]. É nesta perspectiva divina a que Puntel afirma ter Heidegger elevado seu pensamento, levou-o a emitir dois enunciados. Primeiro: o “pensamento conforme a história do Ser como aquele pensamento do Ser [*Seyn*] que é o primeiro a compreender o abismo/sem-fundo do caráter de indigência do Ser [*Seyn*]”. E segundo: o pensamento conforme a história do Ser [*Seyn*] que “nunca procura a essência do Ser [*Seyn*] no próprio divino como ente supostamente supremo”. Para Puntel este segundo enunciado crítico à metafísica e de formulação negativa é vazio e totalmente infundado. Já o primeiro é significado porque ele abrange o Ser [*Seyn*] e (o) Deus ou os deuses (Cf. PUNTEL, 2011, p. 133).

Heidegger aqui começa a colocar-se na perspectiva da “teo-lógica” (sendo o *teo* consoante ao sentido heideggeriano de Deus ou deuses), e não mais como uma perspectiva ao lado de outras, mas enquanto compreende o pensamento segundo a história do Ser [*Seyn*]; esta seria a perspectiva “*mais original de todas*”. Heidegger aborda a metadimensão como *mais original* do que a dimensão do Ser [*Seyn*]. Essa metadimensão por ele nomeada a *dimensão mais original de todas*, é pensada em “termos positivos em certa medida”. Posta em um enunciado seria: “a partir dos deuses se determina o pensamento conforme a história do Ser como aquele pensamento do Ser [*Seyn*] que é o primeiro a compreender o abismo/sem-fundo do caráter de indigência do Ser [*Seyn*]”. Tal é o enunciado teo-lógico enquanto articulação da “*mais original de todas as dimensões do Ser*” (cf. PUNTEL, 2011, p. 134).

Heidegger colocou a célebre pergunta: “Como entra Deus na filosofia?”; porém, segundo Puntel, ele não colocou a questão “como entra o Deus *no seu pensamento do Ser?*”. Isto poderia ter explicado porquê e o modo como Heidegger chegou a ocupar-se com a dimensão (do) Deus, deidade, divino e dos deuses. Todavia, conforme Puntel compreende, a resposta a ser dada à segunda pergunta só poderia ser uma: “por meio de um *salto*”. Heidegger “se depara *faticamente*” com o fenômeno da dimensão “divina” e se ocupa dela, e num salto entra na dimensão mais elevada ou mais original e, posteriormente, declara que o “pensamento conforme a história do Ser [*Seyn*] situa-se fora de toda a teologia”. O problema é que essa dimensão mais original não está apenas fora de toda teologia, mas ela *abrange* a dimensão teológica. Trata-se aqui de um abranger *metateológico* porque esse abranger conforme a meta-história do Ser [*Seyn*] abrange os dois diferentes (Ser e Deus) *a partir de Deus*. Novamente aqui Puntel questiona a lógica subjacente que possa justificar os enunciados heideggerianos, mas, por fim, conclui tratar-se mais de declarações de “caráter escatológico-profético” (Cf. PUNTEL, 2011, p. 134).

A segunda interpretação alternativa dos enunciados de Heidegger não confere a Deus/deuses primazia absoluta no pensamento da dimensão mais original. Agora a dimensão do Deus, dos deuses, da deidade, do divino tem um estatuto “*derivativo*”. Puntel cita a obra *Besinnung* onde o filósofo expressou com maior clareza essa sua segunda posição:

Nem os deuses criam o homem nem o homem inventa os deuses. A *verdade do Ser* [*Seyn*] *decide “sobre” ambos*, pois o Ser não impera sobre eles, mas *entre eles* a si mesmo e somente então a ambos [a homens e a deuses] para o encontro responsivo [*Ent-gegnung*]. [...] o Deus jamais é um ente, sobre o qual o homem sabe alguma coisa ora de um modo, ora de outro, do qual ele se aproxima a diferentes distâncias; pelo contrário, *os deuses e sua deidade se originam da verdade do Ser* [*Seyn*]; isto é, aquela representação coisal do Deus e o ato explicativo de contar com ele, por exemplo, como a criador, têm seu fundamento na explicação da entidade/*Seiendheit* como presença produzida e produzível.

Puntel ressalta que este texto de Heidegger aclara que os deuses são *derivados* da verdade do Ser; são originados do Ser. Aqui a "perspectiva" a partir da qual se "articula a dimensão mais original não é (o) Deus ou os deuses, e sim o próprio Ser em sua verdade". Puntel considera que, com o conveniente cuidado, esta é a "tendência geral" do pensamento de Heidegger (cf. PUNTEL, 2011, p. 135).

Face às duas interpretações alternativas contrárias, inesperadamente poderíamos encontrar um "ponto comum" entre ambas. Puntel considera difícil poder anular com tal ponto comum o caráter alternativo das duas posições. A partir dos dois posicionamentos Heidegger alcançou um ponto ou chegou ao ponto por ele denominado "abismo/sem-fundo [*Ab-grund*]. O abismo/sem-fundo foi caracterizado como:

O homem não é capaz de dirigir nem de forçar o modo como [...] o Ser [*Seyn*] em cada caso acontece-apropria a sua própria verdade ou, então, com ela, atém-se a si próprio, [...] já que o próprio homem é tonalizado pelo Ser [*Seyn*] em conformidade com o seu essencial pertencimento ao Ser [*Seyn*] sem aquilatação nem noção dessa história para a determinidade de sua essenciação. – Porém, certamente depende da *liberdade do homem* como e até que ponto ele transforma numa determinação e fundamenta aquele estado de ânimo que o atinge a partir do Ser [*Seyn*] e assim molda, em cada caso, sua própria essenciação numa determinada forma. *Por certo a liberdade nada mais é que esse abismo/sem-fundo[Ab-grund] que interpela o Ser [Seyn], que se determina para a fundamentação da verdade do Ser [Seyn] no sentido da conservação do mesmo no ente.* (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 136. Itálicos são de Puntel).

Confrontando as duas perspectivas alternativas, Heidegger chegou ao *abismo/sem-fundo* que é interpretado como *liberdade*. Mas para Puntel, os enunciados heideggerianos são "afirmações extremamente obscuras e praticamente incompreensíveis". A rigor as duas perspectivas: "a partir dos deuses ou de Deus" ou "a partir da verdade do Ser [*Seyn*]" "nada se diz aqui de mais preciso ou de mais novo ou de mais aprofundado". Heidegger faz referência a um "plano" ou um ponto onde são interpeladas ambas as perspectivas, este seria o plano da liberdade do ser humano. Puntel reconhece aqui uma das raras abordagens heideggerianas acerca de um fenômeno concreto (a liberdade). O Ser não determina o homem porque:

Certamente depende da *liberdade do homem* como e até que ponto ele transforma numa determinação e fundamenta aquele estado de ânimo que o atinge a partir do Ser [*Seyn*] e assim molda, em cada caso, sua própria essenciação numa determinada forma (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 136).

Puntel insiste em dizer que as formulações de Heidegger carecem de justificativa filosófica! Pode-se acompanhar o filósofo dizendo: o homem é “*tonalizado* para a determinidade da sua essência pelo Ser”, porém estaria mais para “verbalismos poéticos” do que para formulações filosoficamente justificadas. Ainda como entender, com clareza, um enunciado sobre o divino como este: “o fato de ‘os deuses’ precisarem do Ser [*Seyn*], desloca a eles próprios para dentro do abismo/sem-fundo [*Abgrund*] (da liberdade)...”? Tal afirmação sem maiores explicações de que o necessitar do Ser “desloca” os deuses para a liberdade, para Puntel, muito dificilmente poderá ser entendida senão como um “discurso semimitológico” (cf. PUNTEL, 2011, p. 137).

Ainda segundo Puntel, esse ponto comum do abismo/sem-fundo (a liberdade) não é o bastante para iluminar a relação entre as perspectivas do Ser [*Seyn*] chamada verdade do Ser [*Seyn*] e a perspectiva dos deuses ou do Deus. De modo que Puntel conclui que as explicações de Heidegger sobre o Ser, verdade do Ser, “os deuses” ou (o) Deus “não são apropriadas para análise e discussão filosóficas sérias” (cf. PUNTEL, 2011, p. 137).

Puntel ainda faz uma derradeira adução. O insólito enunciado de Heidegger sobre o “último Deus” ou “um Deus” da célebre entrevista concedida à revista *Der Spiegel*, em 23 de setembro de 1966 (a pedido do filósofo só publicada após sua morte, em 1976), não foram tratados por Puntel por serem expressões de “caráter expressamente escatológico-profético”. Aqui, novamente, não se prestam à “análise e discussão filosóficas sérias” (cf. PUNTEL, 2011, p. 137).

Considerações finais

Se o chamado primeiro Heidegger de *Ser e Tempo* praticou o que alguns nomearam por ateísmo metodológico não o foi por falta de interesse pela questão de Deus, mas por não ter uma outra linguagem que não a metafísica, por ele rejeitada como inapropriada, para elaborar seu pensamento. Ademais, a filosofia e a teologia deveriam ter demarcadas seu campo e objeto de investigação e manter a mútua autonomia. Na conferência *Fenomenologia e teologia* (1927), Heidegger foi peremptório em afirmar que a filosofia deve ser por princípio ateia. O método fenomenológico-hermenêutico exercido por Heidegger considera o “fenômeno naquilo que se manifesta em si mesmo e por si mesmo na experiência humana”. Assim do ponto de vista fenomenológico, Deus somente poderia ser pensado se, e somente se, apresentasse-se ou manifestasse-se de alguma maneira *direta* à experiência humana⁵. Trata-

⁵ Ao rejeitar a metafísica, Heidegger rejeitou a possibilidade de acesso à questão de Deus. Ele insiste em aplicar o método fenomenológico que interpreta o fenômeno por ele mesmo, e evita categorias alheias. Isto excluiu

se de um agnosticismo clássico por parte de Heidegger, neste seu primeiro período, porque com a rejeição a toda e qualquer metafísica ele fecha o acesso filosófico à questão de Deus. Permanece no pensar intramundano operando uma interpretação ontológica do ser-aí como ser-no-mundo que não se decide, nem positiva nem negativamente, acerca de um possível Deus⁶.

Se para comentadores e mesmo alguns estudiosos respeitáveis da filosofia heideggeriana a questão de Deus⁷ é central no pensamento tardio de Heidegger, alguns outros heideggerianos reputam tão-somente como uma linguagem simbólica e cifrada para falar do mistério da existência humana, inspirada no poeta Hölderlin a quem o filósofo alemão venerava.

O Deus/deuses de Heidegger, em síntese, apresenta um "estatuto ontológico obscuro" porque o deus(es) heideggeriano não é nem existente, nem inexistente nem pode ser igualado ao Ser, precisa do Ser, porém não é igual ao Ser (INWOOD, 2002, p. 41). Coreth comenta que a figura de Deus/deuses de Heidegger se "mantém em aberto" e não é o homem que decide "se e como o Deus ou os deuses [...] virão para dentro da clareira do ser", isto é, aparecer na história⁸. Na interpretação de Mac Dowell, o conceito de "último Deus" de Heidegger "não é o fim, o último Deus na linha do primeiro começo, mas o outro começo de nossa história, prenhe de imensas possibilidades" (MAC DOWELL, 2014, 242). Não é "apesar de sua linguagem hermética e caprichosa", um mero jogo de palavras ou fantasia. Este último Deus "não assume uma figura individual", igualmente não se torna o centro de uma fé ou um culto. Neste sentido ainda segundo Mac Dowell, para Heidegger o "problema da existência de Deus não tem sentido" porque pensá-lo assim seria fazê-lo um ente, ente superior, mas só um ente entre outros. A retirada de Deus ou dos deuses do mundo possibilitou compreender um pouco mais o *Aí-ser* (humano) no mundo. A relação entre Deus e o homem seria como um "diálogo", do qual Heidegger afirma tão-só a possibilidade, sem atrever-se a "entabulá-lo pelo pensar filosófico" (Cf. MAC DOWELL, 2014, p. 253-254).

Não por acaso o Heidegger da virada (*Kehre*) considerou o "poetar" (*dichten*) e não o "pensar" (*denken*) como o melhor modo de expressar, em palavras, a autêntica experiência do sagrado. Contudo, para Lorenz Puntel, no que diz respeito à filosofia por ele compreendida e praticada como atividade teórica rigorosa, a linguagem de Heidegger é francamente débil e inconsistente. Praticamente deixou de ser filosofia ao utilizar expressões

inclusive o procedimento da "analogia", isto é, a aplicação de termos de realidades humanas ou mundanas para (analogamente) interpretar Deus. (Cf. MAC DOWELL, 2014. p. 236).

⁶ Segundo MAC DOWELL, o silêncio do primeiro Heidegger a respeito de Deus deve ser compreendido como protesto contra o "palavrório vazio" que fala de Deus sem ter feito uma autêntica experiência (2014, p. 236-237).

⁷ FIGAL, Günter; PÖGGELER, Otto; MAC DOWELL, João A. três estudiosos do filósofo alemão, unânimes em asseverar que a questão Deus é fundamental para se compreender o pensamento heideggeriano, inclusive, sua evolução e sabido *Kehre* na sua última fase.

⁸ Como o fizeram os deuses gregos na Grécia antiga, e o Deus único da tradição judeo-cristã, cada um recebendo uma nomeação própria. De todo modo, para Heidegger, os deuses cósmicos da antiga Grécia, e o Deus bíblico revelado e cultuado pelos cristãos, já "retiraram-se" de nós e de nosso mundo e não mais voltarão (Cf. CORETH, 2009, p. 359).

literárias sofisticadas, porém obscuras e que falha com a devida racionalidade filosófica.

Para Puntel a verdade (terrível) é que Heidegger, muito menos do que refutar ou mesmo superar a metafísica, denota "uma ignorância radical das potencialidades do pensamento humano". Ignorância esta denotada pelo filósofo não só por sua interpretação falha e idiossincrática da tradição metafísica, como por sua inabilidade em empregar elementos da teoriedade – linguagem (sintaxe e semântica), lógica e matemática, conceitualidade – que fornecem estrutura e componentes fundamentais para a constituição de uma teoria filosófica consistente e consequente. Repito, para Puntel, a Filosofia é atividade teórica; a propósito ele desenvolveu sua própria filosofia sistemático-estrutural⁹.

Manfredo Oliveira ao prefaciar a edição brasileira do livro *Ser e Deus* de Puntel, corroborou as análises do autor ao dizer que Heidegger não é competente quanto ao âmbito estrutural de sua teoria do ser. A ideia heideggeriana do ser enquanto tal, isto é, ser como evento-apropriador (*Ereignis*) não passa de "tautologias ou sentenças negativas (...) marcadas pelo brilho literário que ofusca sua fraqueza e vacuidade". E acrescentou que nos textos de Heidegger os elementos teóricos são "misturados com componentes poéticos e profético-escatológicos" gerando confusão ao mesmo tempo que um certo "fascínio no leitor" como se estivesse dizendo algo pretensamente profundo (Cf. OLIVEIRA, 2010, p. 15).

Nas palavras de Puntel, Heidegger esconde-se atrás de palavras ou formulações linguísticas retóricas, o que "equivale a uma confusão". Isto mostra-se patente em Heidegger, ao tentar diferenciar o Ser e o Deus ou os deuses. Também em suas interpretações sobre o ser e o ente falta clareza. Exemplo disto é o discurso heideggeriano acerca do *nada*: "O Ser 'é' tão pouco quanto o nada". Por que e como Heidegger chega a isto, Puntel não o sabe, sobretudo quando o filósofo utiliza o *nada* e a *essência* na *forma verbal* ao declarar: "como nadificar, o nada *essencia* [*west*], dura [*währt*], outorga [*gewährt*]", "o próprio nada *nadifica*" (HEIDEGGER *apud* PUNTEL, 2011, p. 81). Por que Heidegger transforma essência em verbo (essenciar: Puntel se pergunta: o que isto significa?) Ou, mais fundamentalmente, por que Heidegger não formulou mais clara e diretamente tal como: "o Ser *não* é (um) ente ao invés de sua formulação retórica: "o Ser 'é' tão pouco quanto o nada"? Para Puntel, o que se tem de resultado filosófico é que a forma de escrita heideggeriana é pouco aceitável do ponto de vista filosófico (PUNTEL, 2011, p. 80).

Em conclusão Lorenz Puntel considera que o pensamento de Martin Heidegger no que tange a sua célebre crítica radical da metafísica ocidental enquanto onto-teo-logia é falacioso, porque a interpretou mal. No mais sua

⁹ Puntel concebe a filosofia como "teoria". E exclui concepções da filosofia enquanto terapia da linguagem, filosofia com intenção prática (como sabedoria, como tomada de consciência, como orientação para a vida etc.). A teoria filosófica de Puntel está inserida e é consequente com um "quadro referencial teórico" bem determinado o qual denomina Filosofia sistemático-estrutural. Encontramos exposição sistemática de sua teoria filosófica em suas obras *Ser e Deus* (Capítulo 3) e *Estrutura e Ser*.

ontologia ou discurso sobre o sentido do Ser é estruturalmente falha, sequer poderia ser chamada a rigor uma teoria (no sentido de “teoria filosófica” em Puntel). Conforme Puntel o pensamento filosófico de Heidegger é “fundamentalmente deficiente”, quanto “confuso”. A questão de Deus não é exceção, conforme procuramos demonstrar no corpo deste artigo. Para Puntel, a “questão de Deus” no pensamento de Heidegger (inclusive compreendido como “último Deus”) apresenta caráter escatológico-profético e é expressada por enunciados tão literários quanto anômalos que impossibilitam alcançar uma razoável compreensão unitária e precisa de Deus, como se espera em uma verdadeira discussão filosófica.

Referências

- AUBENQUE, Pierre. *Desconstruir a metafísica?* Tradução Aldo Vannucchi. Coleção Leituras Filosóficas. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- CORETH, Emerich. *Deus no pensamento filosófico.* Tradução Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Marcas do Caminho.* Tradução Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger.* Tradução Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MAC DOWELL, João A. Martin Heidegger e a questão de Deus (8ª Comunicação) seguido de Debates. *In: Heidegger: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento.* Coleção filosofia primeira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014. Pp. 208-270.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Prefácio à edição em língua portuguesa.* *In: Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J.-L. Marion.* Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2011. p. 13-18.
- PUNTEL, Lorenz Bruno. *Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J.-L. Marion.* Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2011.